

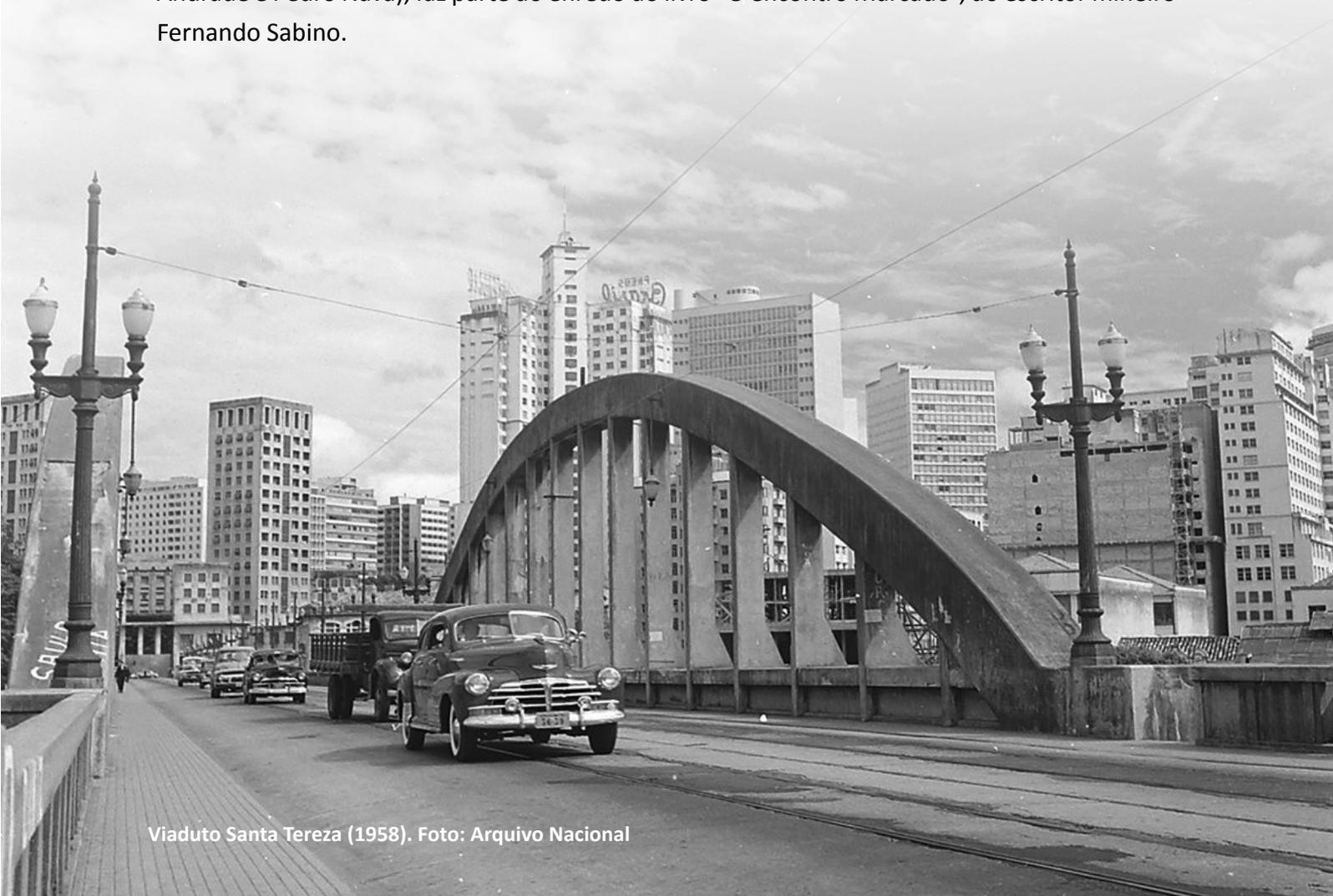
# A HORA VAGABUNDA: UM FILME DE PAPEL

Angelo Mazzuchelli Garcia

## O FILME “A HORA VAGABUNDA”

**V**iaduto Santa Tereza: um dos ícones mais significativos de Belo Horizonte. Construído em 1929 e tombado como patrimônio cultural do município na década de 1990, o viaduto integra o conjunto arquitetônico da Praça da Estação. Foi projetado por Emílio Baumgart, conceituado engenheiro da época. Os imponentes arcos parabólicos da obra tornaram-se destaque na época da construção: o jornal “O Paiz” (Rio de Janeiro) publicou, em março de 1928, uma nota intitulada ***O viaducto de Bello Horizonte***. A nota informava que ***O viaducto, que se acha em plena phase de construção, obedecerá a um projecto de verdadeiro realce tecnico e ornamental***.

O Viaduto Santa Tereza tornou-se palco de um ato transgressor da juventude boêmia de meados do século XX: subir e caminhar sobre seus arcos. A perigosa brincadeira, que remete a artistas que passaram anárquicos anos da juventude em Belo Horizonte (como Carlos Drummond de Andrade e Pedro Nava), faz parte do enredo do livro “O encontro Marcado”, do escritor mineiro Fernando Sabino.



Viaduto Santa Tereza (1958). Foto: Arquivo Nacional

Escreveu Sabino:

Hugo era o mais ágil: galgava o parapeito com presteza, corria sobre a estreita fita de cimento, a trinta metros do solo, como se andasse em cima de um muro. Curvado, subia o grande arco que se elevava, abrupto, sobre a própria amurada. Eduardo subia do outro lado. Lá em cima se encontravam, equilibristas de circo, passavam um pelo outro, vacilavam, ameaçavam cair. Mauro ainda não tivera coragem; os dois se sentavam na viga de cimento armado suspensa no espaço, balançavam as pernas no ar, gritavam para ele:

— Sobe, carcamano!

— “Mijemos em comum numa festa de espuma”!

Naquela noite Mauro se animou a subir. Quando se viu largado no vazio, tendo sob os pés apenas meio metro de cimento e lá embaixo, muito embaixo, os trilhos da estrada de ferro a brilhar, um trem passando exatamente naquele instante, não resistiu à vertigem. Deitou-se de bruços, agarrou-se com força, dilacerando as unhas na superfície áspera, pôs-se a chorar:

— Não desço mais. Pelo amor de Deus me tirem daqui. Chamem o Corpo de Bombeiros!

Era extraordinário que a brincadeira imprudente não terminasse em tragédia. E se repetia porque (rezava a tradição) um poeta (um grande poeta) havia feito aquilo antes, para se divertir. Anos mais tarde Eduardo lhe perguntaria se era verdade e o poeta haveria de confirmar:

— Parece difícil, mas não é tanto, você não acha?

No seu tempo, subia às três da tarde, depois de tomar apenas um copo de leite, *pour épater les bourgeois*. A nova geração procurava imitá-lo nos versos e nas proezas, mas precisavam beber para criar coragem. (Trecho do livro “O Encontro Marcado”).

O filme “A hora vagabunda”, do cineasta Rafael Conde, também cita esse excêntrico hábito em uma das cenas. Lançado em 1998, a narrativa de “A hora vagabunda” se passa integralmente em Belo Horizonte. A cidade não é apenas o palco da narrativa; o patrimônio material da capital mineira forma um conjunto de “personagens”. E o Viaduto Santa Tereza é o “protagonista”.

O tema central de “A hora vagabunda” é um tipo de êxodo comum em Minas Gerais – o êxodo artístico –, que leva artistas mineiros a ultrapassarem as montanhas e fixarem-se no eixo Rio-São Paulo.



Cena do filme A hora vagabunda (1998)

O filme não abrange apenas hábitos e bens materiais de Belo Horizonte: compreende igualmente bens imateriais, como a Rádio Favela. A rádio é um dos fios condutores da história. A fala do locutor da Rádio Favela permeia toda a narrativa. A mais antiga rádio pirata de Belo Horizonte, a Favela FM, surgiu em 1980. Foi uma iniciativa de jovens moradores do Aglomerado da Serra. A Rádio nasceu para informar a comunidade, expor suas reivindicações e combater o tráfico e o consumo de drogas na região. Em 2002, a rádio foi legalizada como Emissora Educativa e, atualmente, chama-se Rádio Autêntica 106,7 Favela FM.

## OS FILMES DE PAPEL

Desde suas origens, como indústria, o cinema sempre se articulou com a mídia impressa. Peças gráficas não periódicas (cartazes, programas) e periódicas (revistas especializadas) surgem simultaneamente à indústria cinematográfica. Desde a primeira década do século XX, diversas revistas especializadas em cinema publicavam biografias, notícias e curiosidades sobre a vida de famosos atores e atrizes. Outra estratégia publicitária adotada por essas revistas foi a publicação de resumos ilustrados de filmes. Esses resumos combinavam um texto/sinopse da história com imagens retiradas dos fotogramas do filme. Havia revistas especialmente dedicadas a publicar resumos ilustrados, levando a localidades distantes dos grandes centros (e carentes de salas de exibição) as produções cinematográficas da época. Os resumos ilustrados serviam também para aqueles que tinham acesso às salas de exibição reviver as emoções de assistir aos filmes.

Os resumos ilustrados eram chamados de *cine-romance*; mas eram também eram conhecidos, na Itália, como *film di carta*; literalmente: FILME DE PAPEL. O termo cine-romance caiu em desuso, mas a produção de similares permaneceu ao longo dos séculos XX e XXI. Inúmeros filmes continuaram sendo transpostos da tela para a mídia impressa: desde modestas produções aos clássicos como *Casablanca*, ou filmes cult, como *Grease* e *Guerra nas estrelas*, esse último, já no século XXI.

## O FILME DE PAPEL “A HORA VAGABUNDA”

O filme de papel “A hora vagabunda” é um resultado prático de uma pesquisa acadêmica que desenvolvo na UFMG sobre **narrativas visuais** (nesse caso específico, abordando fotonovelas e cine-romances). Adotou-se na publicação a denominação fotonovela – concebendo-a como **mídia**, não como gênero, (*fotonovela* tornou-se um termo estigmatizado devido às origens ligadas à narrativa sentimentalista). Cabe salientar que os cine-romances eram, em essência, estratégias publicitárias. **A hora vagabunda: um filme de papel** não possui

nenhum vínculo com estratégias publicitárias e não é uma *transcrição* do original: é uma versão livre/autoral. **A hora vagabunda: um filme de papel** apresenta releituras de cenas utilizando imagens capturadas dos fotogramas da película. Mas também há adição de novos elementos gráficos não presentes no filme (sem deturpar o original).

Exemplificando: as imagens da figura 1 mostram fotogramas capturados correspondentes à seguinte sequência do roteiro original de “A hora vagabunda”:

- Tex?
- O Tex, cara, o Tex! Tex! O caubói da camisa amarela! O cara que mata todos os bandidos e não erra nenhum tiro!
- Hum... Seu Álvaro, me dá um pão de queijo.
- Cuidado, hein!
- Por quê???
- Cê pode virar estátua!
- (Risos ela)
- É verdade! Cê vai comendo esse troço aí misturado com cerveja, vai te cimentando por dentro e cê acaba ficando durinha da silva!



FIGURA 1: Fotogramas de “A hora vagabunda”.

As figuras 2A e 2B mostram a sequência de duas páginas duplas da versão impressa correspondente ao trecho citado. Na primeira página dupla (2A), a imagem da atriz foi tratada digitalmente para fazer alusão aos quadrinhos populares (mais especificamente aos quadrinhos do Tex). Na página dupla seguinte (2B), um pão de queijo (imagem inexistente no filme) foi fotografado e teve a imagem adicionada à página. A proporção da imagem do pão de queijo reforça a advertência “Cuidado, hein!”.

A primeira página dupla (2A) traz um exemplo de um artifício narrativo próprio da linguagem gráfica impressa. Para equiparar à entonação crescente usada pelo ator quando diz “O Tex, cara, o Tex! Tex!” foi usado um recurso visual que alude tal entonação: o aumento gradativo do tamanho da letras. Paralelamente, a progressiva conexão entre as letras termina com o logotipo das histórias em quadrinhos do Tex – o que enfatiza o teor da fala (a referência ao Tex).



FIGURAS 2A (acima) e 2B (abaixo): Páginas duplas do filme de papel “A hora Vagabunda” (compostas a partir dos fotogramas da figura 1).





# A HORA VAGABUNDA

*Um Filme de Papel*

**Projeto gráfico | Fotonovela**  
**ANGELO MAZZUCHELLI**

Natural de Belo Horizonte. Artista visual e Professor da Escola de Belas Artes da UFMG. Atua e é pesquisador na área de Comunicação gráfica.

**Versão cinematográfica original**  
**RAFAEL CONDE**

Natural de Belo Horizonte. Cineasta e Professor do Programa de Pós-graduação da Escola de Belas Artes da UFMG.

**Capa dura | 17 X 11,5 cm | 208 páginas**